

Gazeta do Povo – 20/03/2010

Samek defende integração energética com vizinhos

<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=984668&tit=Samek-defende-integracao-energetica-com-vizinhos>

Em evento promovido pela Gazeta do Povo, o diretor-geral brasileiro da hidrelétrica de Itaipu disse que o Brasil deve avançar na interligação do sistema elétrico com outros países da América do Sul - mesmo sob o risco de "importar" contratemplos

O diretor-geral brasileiro de Itaipu, Jorge Samek, defendeu ontem a interligação dos sistemas elétricos de toda a América do Sul. Uma iniciativa que não conta com aprovação unânime de especialistas e agentes do setor, mas que, para o executivo, é a opção mais eficiente para garantir a segurança do abastecimento energético e promover o desenvolvimento dos países da região.

"A tendência é caminharmos para uma integração. A lógica aponta para isso, a engenharia aponta para isso. É mais eficiente, porque os regimes hidrológicos são complementares. Quando é época de seca em um lugar, é época de chuva no outro, e quem está com energia de sobra pode exportar para quem está precisando, e depois importar quando precisar", disse Samek. Ele foi o palestrante da primeira edição do Papo Financeiro, ciclo de palestras organizado pelo caderno de Economia da Gazeta do Povo, com patrocínio da Caixa Econômica Federal e apoio da Câmara Americana de Comércio (Amcham).

O que o executivo defende é a adoção, em nível continental, do modelo que o Brasil vem consolidando desde o início da década. O Sistema Interligado Nacional (SIN), com cerca de 100 mil quilômetros de linhas de transmissão, faz a ligação dos subsistemas regionais de geração, permitindo o intercâmbio de energia entre eles. Assim, quando a Região Sul sofre com falta de chuvas, por exemplo, pode receber excedentes gerados no subsistema Sudeste/Centro-Oeste. Embora o modelo do SIN tenha sido alvo de questionamentos no blecaute de novembro de 2009, por ter "espalhado" para 18 estados uma falha que poderia ter ficado mais restrito, ainda é tido como opção mais viável para um país de grandes dimensões.

Riscos

O Brasil já troca energia, em quantidades relativamente pequenas, com países como Argentina, Paraguai e Uruguai. O risco de consolidar um verdadeiro "SIN sul-americano" é que o país venha a importar cada vez mais aborrecimentos, como os provocados pela nacionalização do setor de petróleo e gás da Bolívia e pelas frequentes pressões do Paraguai por mais recursos de Itaipu. Recentemente, o **Instituto Acende Brasil**, espécie de observatório do setor elétrico, listou oito contratemplos desse tipo ocorridos na última década. O mais recente é a necessidade de ligar termelétricas para abastecer Roraima, que tem sofrido cortes de luz em razão do racionamento na Venezuela, habitual fornecedora de energia do estado.

O próprio Samek - que disse ter visitado o país governado por Hugo Chávez há algumas semanas, convidado a colaborar nas discussões sobre a escassez naquele país - admitiu que é difícil dar forma a essa integração. Não apenas por eventuais rugas entre os países da região, mas também por questões técnicas, como os diferentes modelos tarifários. "Na Venezuela, tudo é subsidiado. Uma conta de luz normal sai pelo equivalente a R\$ 7, o que premia a ganância. Então adianta aumentar para R\$ 15, como forma de desestimular o consumo? Não. Então não há como levar para lá as medidas adotadas no racionamento brasileiro de 2001."

Apesar das dificuldades, Samek insistiu na "obrigação do Brasil de ser a locomotiva da América do Sul". "Quem achar que vai resolver problemas construindo muros ou cercas está equivocado. Nos interessa o desenvolvimento regional inteiro." Segundo ele, o Brasil também teria muito a ganhar. "O desenvolvimento do Paraguai, por exemplo, é o desenvolvimento do Brasil. Os paraguaios vão construir uma nova linha de transmissão de Itaipu a Assunção [com US\$ 450 milhões doados pelo Brasil]. Mas quem é que vai construir de fato? Quem vai fornecer profissionais, equipamentos, linhas? É o Brasil."

Produção de Itaipu deve cair em 2010

A geração de energia elétrica da usina de Itaipu deve recuar pelo segundo ano consecutivo em 2010. Após o recorde de 94,7 mil gigawatts-hora (GWh) de 2008, no ano passado a produção total diminuiu 3%, para 91,7 mil GWh (veja o gráfico acima). Neste ano, a queda pode ser ainda mais forte. Em janeiro e fevereiro, a hidrelétrica produziu cerca de 10,6 mil GWh, 20% a menos que no primeiro bimestre de 2009.

"Vamos produzir menos, em razão da extraordinária capacidade hidrológica das usinas brasileiras", disse o diretor-geral brasileiro da hidrelétrica, Jorge Samek. Segundo ele, as chuvas dos últimos meses foram tão favoráveis a todas as hidrelétricas que dispensaram uma maior produção na usina binacional - e desde novembro Itaipu está vertendo água que não precisará usar em suas turbinas. "Na semana passada, precisaríamos de 'duas Itaipus' para aproveitar toda a água que estava chegando à barragem."

Reservatórios

Conforme o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), na última quarta-feira os reservatórios da Região Sul ocupavam 90% de sua capacidade, muito acima do nível considerado de risco, de 28%. No subsistema Sudeste/Centro-Oeste, o nível das barragens era de 81%, frente ao patamar de risco de 22%. No Nordeste, onde o nível de risco para esta época do ano é de 16%, os reservatórios estavam em 70% da capacidade máxima.